

O TIRO CIVIL

a caça, pesca, nautica, velocipedia, gymnastica, esgrima, taumachia, etc., etc.

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

Publicações

Annuncios, 8.ª pagina cada linha	20 réis
Communicados	60 »
Reclamos	100 »
Na capa preço convencional	

Sabbado 15 de maio de 1897

Assignaturas

Lisboa, 3 mezes	300 réis
Provincias, 6 mezes	600 »
Numero avulso	60 »
Paizes da união postal, anno	2400 »



No tempo defezo

SUMMARIO

Expediente. — O tiro nacional, por PALERMO DE FARIA. — As espingardas que não matam. — Concursos de tiro em Bruxellas. — Carreira de tiro. — Duas caçadas feitas por El-Rei D. José. — Associação dos Caçadores Portuguezes. — Club dos Caçadores do Porto, por B. DE SÁ. — Carta, por MARTELLEIRO. — Associação Protectora da Caça em Tempo Defezo. — Sejam caçadores, por B. DE SÁ. — Batida. — O defezo, por ANSELMO DE SOUSA. — As regatas, por SPADA. — O cyclismo, por TH. COELHO. — Gymnasio Aveirense. — Real Velo-Club do Porto. — Real Club Velocipedistas de Portugal. — Minuto, por J. FRAPPELIN. — Real Gymnasio Club Portuguez. — Erratas.

GRAVURAS

No tempo defezo. — Philippe Aragão «Minuto». — Uma caçada á raposa.

EXPEDIENTE

APESAR dos esforços empregados e das diligencias feitas, não podemos ainda, n'este numero, dar a todas as nossas secções o desenvolvimento que desejamos.

No meio acanhado em que vivemos, é bastante difficil a organização completa de tudo quanto possa interessar os diversos

centros de actividade physica e, se não temos a pretensão de que venceremos essas difficuldades, acreditamos, no entanto, que se os interessados quizerem auxiliarnos, alguma cousa poderemos fazer que seja util e aproveitavel.

Desejariamos, pois, que todos nos enviassem noticias do que se passa nas associações de tiro, de caça, de gymnastica, de esgrima, de tudo emfim que possa ter cabimento nas columnas do nosso jornal,

que se tornaria assim um repositório de todo o movimento das diversas agremiações portuguezas que se dedicam á educação physica, tão necessaria, tão importante e tão patriótica.

A pouco e pouco iremos, certamente, conseguindo o nosso intento; mas que a boa vontade de todos contribua para este fim, que só tem em vista manter na imprensa um órgão que defenda em especial todas as sociedades que trabalham em favor da nossa reabilitação moral, pela regeneração physica, que é a base essencial e indispensavel d'um povo que deseje estar habilitado a defender a sua independencia e a sua autonomia.

Confiamos na dedicação dos especialistas d'esses pequenos grupos que em cada uma das associações mantem o fogo sagrado e que não deixarão que se extinga, embora hajam de passar por duras provações e por transe amargurado.

Luctemos todos patriótica e desinteressadamente e o nosso trabalho será coroado pelo mais feliz dos resultados.

TIRO

O Tiro Nacional

É um facto, infelizmente, indiscutível, que a frequência da carreira de tiro tem ultimamente diminuído consideravelmente, e tanto que começa a transformar-se em completo abandono, até d'aquelles que desde a sua abertura ao elemento civil mais dedicados e mais assíduos se haviam mostrado no patriótico exercício.

Varias tem sido as opiniões, pretendendo com argumentos mais ou menos verosímeis, justificar os acontecimentos, mas a verdade é que, d'entre todos os motivos apresentados, dois unicamente nos parecem a causa determinante da diminuta frequência na Carreira de Pedrouços: o má estado do armamento, ou antes a deterioração resultante do muito serviço que tem tido, e o terem os atiradores reconhecido que a despesa feita com os exercícios de tiro não tem compensação de especie alguma.

Disse-se a principio, que o cartuchame de polvora sem fumo era má e que as balas destinadas a alvos collocadas a 100, 200 e 300 metros ficavam a 50 metros do atirador na sua maior parte, e as outras que iam um pouco mais longe não tinham direcção e só attingiam os alvos por acaso.

Este defeito não era em absoluto da má qualidade da polvora, mas sim das espingardas cujos canos estavam já um pouco damnificados pelo serviço continuado e tanto assim é que, com cartuchos da mesma procedencia se fazem magnificas series com armas boas e pessimas series com outras que estão já em peores condições.

D'aquí resultou, porem, o desanimo dos frequentadores da carreira, alguns dos quaes terminantemente nos affirmaram que não estavam resolvidos a gastar dinheiro em taes condições, embora continuassem convencidos de que o tiro civil era absolutamente indispensavel.

N'estes termos difficilmente se poderá conseguir o desenvolvimento do tiro nacional, e ou os poderes publicos o reconhecem como uma necessidade urgentemente reclamada se a serio se quizer pensar na defeza da patria, ou então se desinteressam por completo d'este assumpto, e deixam que circumstancias dolorosas nos obriguem todos a passar por duras pro-

vações, para nos convenceremos por experiencia, que será, certamente, terrível, de que não deveriam abandonar os exercícios aquelles que podem frequentar as carreiras, nem os que estando á frente dos negocios publicos tem por dever principal velar pela nossa liberdade e pela nossa independencia.

Em todos os paizes cultos, tanto do antigo como do novo mundo, os governos e os povos pensam muito a serio nos meios que devem empregar para que se desenvolva o gosto pelos exercícios de tiro, e para que todos os cidadãos se possam transformar em soldados exercitados em tudo quanto respeita ao tiro, que é incontestavelmente a grande força, a mais importante, a mais terrível, nas modernas batalhas.

Entre nós não se pensa assim; nem governos, nem governados acreditam n'esta necessidade da paz armada, que nada mais é do que a prophylaxia da guerra, pois não é com certeza no momento de se romperem as hostilidades que os atiradores apparecem em condições de poderem ser aproveitados.

Portanto, pense-se um pouco mais a valer nos exercícios de tiro, estudem-se com cuidado as causas do desanimo que invadiu os mais entusiastas e, acreditamos que a causa não está perdida.

Fallámos tambem na falta de compensações para os que vão regularmente á carreira e alli dispendem em todas as sessões quantias que não são para desprezar nos tempos que vão correndo.

Na verdade os concursos officiaes reduzem-se a um por anno; o d'este anno, por exemplo, parece estar em bom caminho de não se realizar, e n'esses concursos, os premios, embora valiosos, não são dos que compensam as despesas feitas, pelos que não são ricos, e, durante um anno, gastaram em polvora na carreira de tiro cerca de 20\$000 réis, sem a minima esperanza de reembolso.

Os premios em dinheiro, como tantas vezes temos dito, seriam um meio efficaz de augmentar a frequência da carreira; á Associação dos Atiradores Civis Portuguezes pertence a iniciativa d'este genero de premios, que é, afinal, o adoptado em todos os paizes onde ha tiro civil, mas por enquanto não foi seguido por ninguem e apenas a commissão executiva do centenario da India, destina 1:000\$000 de réis para premios do concurso de tiro que deve realizar-se em maio ou junho de 1898.

Porque não se faz este anno o concurso de tiro official e não são distribuidos premios em dinheiro?

Não achamos resposta para uma nem outra cousa e em vez de se apresentarem alvites tendentes a sustentar e desenvolver o tiro civil, vemos que nas regiões officiaes se tem o caso em muito pouca importancia e, á idéa de se fecharem as carreiras de tiro ao elemento civil, encolhem muitos os hombros com uma indifferença altamente censuravel, para não dizermos antipatriótica e até criminosa, para os interesses da nossa independencia.

Sabemos que esta nossa theoria não agrada a todos, mas parece-nos que é a verdadeira e sem rodeios o dizemos francamente.

PALERMO DE FARIA.

As espingardas que não matam

A Revista de infantaria publica uma rapida analyse destinada a evitar a confusão existente entre a força de pene-

tração e a força mortifera das modernas espingardas, tratando das armas francezas, inglezas, italianas, japonezas, etc., em vista das observações feitas nas guerras, revoltas ou experiencias de polygono, que lhes dão auctoridade incontestavel.

A espingarda franceza

Como se sabe, a espingarda Lebel, modelo 1886, é do calibre de 8^{mm}; lança uma bala de 15 grammas com a velocidade inicial de 633 metros.

Em Fourmies, a tropa foi chamada a fazer fogo, bem contra vontade, a uma distancia inferior a 100 metros. Entre os ferimentos feitos, certas lesões, na cabeça, no ventre, no peito eram espantosas; as dos membros eram pelo contrario, leves em vista da sua grande nitidez. Curaram-se depressa.

Quanto aos feridos, declararam que não tinham sentido senão uma fraca commoção, como a sensação de pancada.

Os officiaes que fizeram a campanha do Dahomey contam que os projectis da espingarda Lebel não impediam geralmente o impulso dos adversarios no momento do assalto. Muitos feridos gravemente, e até atravessados de lado a lado, chegavam ás linhas francezas e só caíam um certo tempo depois do ataque.

A Revista de infantaria lamenta não ter obtido nenhuma informação capaz de nos fixar sobre os efeitos da bala de 8^{mm} contra uma carga de cavallaria e accrescenta «que não foi feita em França experiencia alguma sobre cavallos vivos».

Estas experiencias, effectivamente, não são numerosas, no entanto algumas se tem tentado. Lembramos-nos principalmente d'uma feita em a nossa presença sobre um cavallo condemnado. Tres balas da espingarda Lebel foram disparadas sobre elle e o atravessaram enquanto comia a ração. No momento do choque, o animal sentia uma commoção, mas quasi no mesmo instante continuava a comer.

A espingarda italiana

A espingarda italiana, modelo 1891, que deveria ser a melhor de todas as existentes, por que é a ultima inventada, tem o nome de Paravicino-Carcano; é do calibre de 6^{mm},5. O seu projectil pésa 10 grammas e 45 centessimos, é expellida com a velocidade inicial de 710 metros proxivamente.

Sem o affirmar, poderia dizer-se que esta nova espingarda foi uma das causas do má resultado da campanha da Abyssinia

O coronel italiano Nava, que foi prisioneiro dos abexins, poude observar durante o seu captiveiro numerosos feridos. Verificou que todas as vezes que os ferimentos não interessavam órgãos essenciaes, se curavam com extrema rapidez. Concluiu que o novo armamento da infantaria italiana parece muito menos mortifero do que o antigo. Os abexins tinham chamado á espingarda Paravicino «a espingarda que não mata».

Um official do exercito de Menelik, vindo recentemente á Europa, e testemunha acoular dos diferentes combates d'esta campanha, emittiu uma opinião exactamente conforme á do coronel Nava, ao passo que a Vetterli e a Gras produziram á sua vista efeitos aterradores. O homem ferido pelo projectil d'uma d'estas ultimas armas recebe um choque violento, salta algumas vezes, depois cae com um ferimento atroz.

A espingarda ingleza

A nova espingarda ingleza que substituiu a Martini é a Lee-Metford, do calibre de 7^{mm} e 70 centessimos, que lança uma bala de 13 grammas e 80 com a velocidade inicial de 575 metros.

Na sua expedição do Chitral, os inglezes notaram com a maior decepção a inferioridade da sua espingarda Lee-Metford na comparação com as armas de modelos mais antigos.

Por ocasião da expedição do fibusteiro Jameson, no Transvaal, em 1896, os feridos dos dois partidos foram hospitalizados em Krugersdorp. Um d'estes feridos tinha os pulmões atravessados; curou-se depois d'alguns dias de tratamento.

Os efeitos d'estas novas armas são, por tanto, muito menos consideráveis que os do antigo armamento. A bala muito pequena, faz um furo nos ossos sem quebrar o membro e produz nas carnes um ferimento que se fecha ou não actua senão muito tempo depois, curando-se facilmente.

De modo que em uma e outra guerra, viram-se os adversarios dos inglezes e dos italianos, posto que feridos de muito perto, segundo o principe de Bugeaud, continuar a avançar sem perdas apparentes, o que impressionava singularmente o moral das tropas europeas, sem abalar o dos corpos oppostos.

«Depois do fogo de repetição, escreviam recentemente as revistas italianas e inglezas, notavam-se apenas alguns claros nas fileiras inimigas que continuavam a avançar».

Os chitralenses tinham chamado á Lee-Metford *espingarda de creanças*. No mez passado, os periodicos inglezes faziam a seguinte pergunta a que não se deu ainda resposta concludente:

«O novo armamento da infantaria, apesar do aperfeiçoamento do seu mecanismo, precisão de tiro, força de penetração das balas, poderia, mesmo nas mãos de excellentes atiradores, conter uma carga de cavallaria apparecendo a curta distancia, ou um *rutto* de selvagens fanaticos?»

As espingardas japoneza, belga, roumaica

Poderíamos multiplicar os exemplos em presença das espingardas japoneza, belga, roumaica, etc., mas chegaríamos á seguinte conclusão: com a espingarda de pequeno calibre estamos em presença d'uma questão perturbadora que transtorna a applicação do tiro tal como se comprehendia até agora e que, se a espingarda que mata não é absolutamente necessaria, a espingarda que faz parar o adversario é indispensavel.

Concursos de tiro em Bruxellas

Por occasião da exposição de Bruxellas, haverá dois grandes concursos de tiro com a carabina Flobert, a 12 metros. O primeiro é de 24 d'Abril a 17 de julho, com 3.000 francos de premios; o segundo realisa-se de 18 de junho a 15 d'outubro com 5.000 francos de premios.

Carreira de tiro

Domingo 25 de abril

Em consequencia do mau tempo não funcionou a carreira de tiro.

Domingo 2 do corrente

Arma Kropatcheck 8^{mm} m 1886.

Tiros disparados 330, resultado:

	Disp.	Acert.
Alvo a 200 ^m , rep.....	90	47
» » 200 ^m , fig. de joelhos....	60	25
» » 300 ^m , circular.....	80	49
» » 300 ^m , normal.....	100	68
Total....	330	189

O sr. Gil Portocarrero, fez 60 tiros nos diversos alvos, empregou 39 balas.

M. Hermann, fez 50 tiros, empregou 28.
Augusto Seixas, fez 40 tiros empregou 21.
Luiz A. C. Saraiva, fez 40 tiros, empregou 22.
Duarte Ferreira, fez 40 tiros, empregou 11.
João de Moraes Carvella, em 30 tiros, empregou 23.
Ligorio S. da Silva, fez 30 tiros, empregou 21.
R. Regenmozer, fez 30 tiros, empregou 20.
Antonio H. da Silva, fez 10 tiros, empregou 4.

Domingo 9 do corrente

Arma Kropatcheck 8^{mm} m 1886.
Tiros disparados 530, resultado:

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 ^m , normal.....	10	4
» » 200 ^m , repetição.....	60	28
» » 200 ^m , fig. de joelhos....	90	52
» » 300 ^m , circular.....	150	88
» » 300 ^m , normal.....	220	134
Total....	530	306

Antonio Correia Pinheiro, fez 50 tiros, empregou 35.

M. Hermann, fez 40 tiros, empregou 26.
Augusto Seixas, fez 40 tiros, empregou 17.
Gonçalo H. Ferreira, fez 40 tiros, empregou 29.
E. Bouquet, fez 40 tiros, empregou 24.
Manuel Roiz Formozinho, fez 40 tiros, empregou 23.

Joaquim P. Correia de Andrade, fez 30 tiros, empregou 15.
Ligorio S. da Silva, fez 30 tiros, empregou 24.
E. Kesselring, fez 30 tiros, empregou 18.
Duarte M. Ferreira, fez 20 tiros, empregou 8.
A. Leuzinger, fez 20 tiros, empregou 14.
R. Regenmozer, fez 20 tiros, empregou 11.
A. Lopes d'Azevedo, fez 20 tiros empregou 16.
Manuel Antunes Barata, fez 20 tiros, empregou 8.

João Consiglieri Pedrozo, fez 20 tiros, empregou 10.
Manuel Fernandes, fez 20 tiros, empregou 7.
Victor Carvalho da Silva, fez 10 tiros, empregou 6.
Adolpho F. Lima, fez 10 tiros, empregou 3.
Joaquim Fernandes de Freitas, fez 10 tiros, empregou 5.
M. Dias Falagueiro, fez 10 tiros, empregou 2.

A carreira acha-se cada dia com mais melhoramentos; tem o caminho coberto, prompto até ao abrigo de 100 metros. O digno director e nosso amigo o sr. Vergueiro, conseguiu alguns operarios civis para coadjuvarem a construcção.

CAÇA

Duas caçadas feitas por El-Rei D. José

(Continuado do n.º 112.)

Modo porque S. M. sahia á caça das lebres

FAZIA o Senhor Rei D. José I sempre esta função tambem com um aparato verdadeiramente magnifico: e no Domingo seguinte se fez esta caçada, como passo a referir.

A's oito horas da manhã, depois de ouvirem Missa, entravão a concorrer para a praça contigua ao Palacio muitos criados de Sua Magestade, d'onde se principiavão a pôr em ordem pela maneira seguinte: Sahio o Monteiro-Mór do seu Palacio a cavallo acompanhado de muitos Fidalgos, e Nobreza, do Juiz do Crime da Côte, e de trinta e sete couteiros, vinte e oito Moços do Monte, e dezenove empregados,

com os quaes marchou para o alto, ou lugar da caçada.

Passada a ponte chamada do campo, ao lado esquerdo havia hum magnifico degrão para Suas Magestades, e Altezas se apearem dos Cavallos de Picaria, e tornarem a montar nos cavallos de campo, ou corredores, como ao diante se dirá. N'este sitio se achavam muitos homens de pé, além dos oito centos batedores, que costumavão servir no matto, aos quaes o Monteiro-Mór, e D. Luiz da Cunha, Ministro, e Secretario de Estado, mandarão formar duas bem dispostas alas. A da direita era commandada por D. Luiz da Cunha, e a da esquerda pelo Monteiro-Mór.

Pouco depois se formarão na praça quatro côros de Timbaleiros; a saber: seis clarins em cada côro, hum Timbaleiro, e hum Clarim-Mór, todos vestidos de veludo carmezim ricamente agaloados de oiro: junto a cada par de timbales havia dous moços de cavallariça, que os conduzão a pé d'alli até ao campo.

Pouco distante dos Timbaleiros havia duas fileiras de Falcoeiros vestidos de escaurle agaloados de prata, montados a cavallo, e entre cada seis huma de trez gaiolas de Falcões, em cada uma das quaes hião seis açores prezos com cadeias douradas, e monteiras bordadas d'ouro: as gaiolas erão de nove palmos de altura com largura proporcionada, erão todas forradas de veludo carmezim agaloadas de ouro, e tambem conduzidas por quatro moços de cavallariça cada huma. Este luzido apparato, e os côros de Clarins, tocando alternativamente, fazião assim ordenados aos ouvidos, e aos olhos a mais deliciosa harmonia.

Depois de toda esta comitiva se pôr em marcha, junto ao Palacio montarão Suas Magestades a cavallo pela maneira seguinte:

O Coronel Bartholomeu de Arcada, Mestre da Picaria Real, tomando de mão de hum moço da estribeira hum soberbo Cavallo russo, chamado *Gentil*, o conduziu ao degrão para a rainha montar, áqual o marquez Estribeiro-Mór metteu o pé no estribo, e o Serenissimo Infante D. Pedro ajudou a pôr-se a cavallo, como tambem Sua Magestade lhe segurou o estribo direito e lhe concertou as vestes reaes: após isso o dito Mestre da Picaria chegou ao degrão pelo mesmo modo hum excellent Cavallo castanho chamado *Filagrana* para El-Rei montar; segurando-lhe nas caimbas do freio, o Sargento-Mór Carlos Antonio, primeiro Adjudante de Picaria, no estribo direito, e o Excellentissimo Marquez de Marialva, Estribeiro-Mór, lhe metteu o pé no estribo esquerdo e ajudou a montar.

Logo chegou Rodrigo Quaresma, primeiro Mestre da Picaria do sr. Rei D. José I, a este tempo destinado para o serviço de Sua Alteza e o Senhor Infante D. Pedro; o qual tomando de mão de hum moço da estribeira hum bello Cavallo castanho chamado *Salvio*, o chegou ao mesmo degrão para Sua Alteza montar, e o Conde da Ponte seu Estribeiro-Mór, lhe metteu o pé no estribo, e ajudou a pôr-se a cavallo.

Ao mesmo degrão chegou o capitão José Xavier, hum dos Picadores dos da Picaria Real; e tomando de hum moço da estribeira hum formoso cavallo, lhe pegou pelas caimbas do freio para montar o Excellentissimo Marquez, Estribeiro-Mór de El-Rei, e da mesma sorte, e no mesmo logar montarão a cavallo o Excellentissimo Conde de Val de Reis, Estribeiro-Mór da Rainha, e o Excellentissimo Conde da Ponte, e o Estribeiro-Mór do Senhor In-

fante D. Pedro, só com a diferença de não serem servidos estes dous ultimos pelos Picadores da Picaria Real. Ao mesmo tempo montarão a cavallo muitos Fidalgos por diversos sitios para acompanharem a Suas Magestades, que já a esta hora se havião posto em marcha, sendo a primeira pessoa El-Rei vestido de farda escarlate agaloada de ouro com bordadura, e botões de diamantes, em que ferindo o Sol parecia todo elle hum copioso monte de brilhantes: á direita hum pouco mais atraz seguia o Excellentissimo Marquez de Marialva, seu Estribeiro-Mór, e á esquerda o seu tio o Marquez de Alvitto. Seguia-se a Rainha, que tambem levava á sua direita o Conde de Val de Reis, seu Estribeiro-Mór, e á esquerda o Senhor D. João da Bemposta, Mordomo-Mór de El-Rei. Logo se seguia Sua Alteza o sr. Infante D. Pedro, da mesma sorte acompanhado do seu Estribeiro-Mór, Camaristas, e de outros Fidalgos.

(Continúa.)

Associação dos Caçadores Portuguezes

A direcção d'esta associação reuniu nas noutes de 4 e 11 do corrente continuando a examinar attentamente todas as denuncias e queixas que lhe são dirigidas de diversos pontos do paiz, providenciando immediatamente pelos meios ao seu alcance. Com o fim de evitar abusos e reclamando a observancia da lei, dirigiram-se officios aos administradores dos concelhos de Aldegallega, Azambuja, Loures e Thomar.

Foram lidos diversos officios dos presidentes das camaras municipais de Évora, Beja, Fronteira, Leiria, e Santarem, egualmente um officio do sr. governador civil de Beja, que se agradeceu.

Dirigiram-se officios aos clubs do Porto, Coimbra, Évora, Villa Viçosa, Aveiro, Louzã, Vianna do Castello e Villa Nova de Famalicão. Foi exarado na acta um voto de sentimento pelo fallecimento do socio Filipe Aragõn (*Minuto*) e fez-se a respectiva communicacão á familia.

O sr. presidente leu um telegramma de saudação que recebera dos socios do Club de Caçadores do Porto, ao qual respondeu em nome da direcção.

A direcção congratulou-se pela adhesão effectiva de alguns membros d'aquelle club e manifestou a esperanza de que a Associação dos Caçadores Portuguezes com o concurso effectivo do Club dos Caçadores do Porto, possa oppôr um dique sufficientemente forte e fazer entrar na ordem a *braconnage* que livremente se assenhoreou do paiz. O sr. marquez da Graciosa, communicou á direcção que pessoalmente viria agradecer a sua nomeação para presidente honorario da direcção.

Deliberou-se enviar um officio ao sr. governador civil de Lisboa lamentando a incuria do administrador do concelho de Loures e pedindo providencias.

Tratarant-se diversos assumptos relativos á batida e á installação da séde da associação.

Ficaram inscriptos 30 caçadores para a batida á raposa.

Socios admittidos

Antonio Augusto Louro, Antonio Mendes d'Almeida, Brito e Faro, Francisco Albuquerque Moreira, Estevam Vouzella, Augusto de Almeida Marujão, dr. Luiz Maria de Souza Horta e Costa, Joaquim Marques d'Almeida, Antonio Luiz Ignacio, Joaquim de Simas e Coutto Callado, Leo-

poldo Rebello da Silva, Arthur Avila, José Raphael Ayres Machado, João de Magalhães, João Henrique Andresen, vicepresidente do Club de Caçadores do Porto, Antonio Baptista de Sá, secretario da direcção do Club de Caçadores do Porto, João Jorge Cecilio Kol, Paulo Corrêa de Lacerda, Almeida e Vasconcellos, H. O'Neill, Guilherme Guimarães Coimbra, Fernando Vouzella, dr. Francisco Furtado de Mello, Jorge Wanzeller, dr. Luiz Fervereiro, Visconde de Taveiro, Francisco Wanzeller, Visconde de Castello Novo e Conde de Prouença a Velha.

Batida ás raposas

A direcção previne os socios de que está aberta até ao dia 20 a inscripção para a batida á raposa que se deve realizar no dia 30 do corrente. Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario para a Rua de S. Paulo, 216, 3.º



Filippe Aragõn (Minuto)

A direcção da Associação dos Caçadores Portuguezes acaba de fechar contracto com uma casa franceza para o fornecimento de diferentes artigos por preços muito resumidos; podendo desde já offerecer aos socios Um magnifico Album de Caça contendo 56 aguarellas e 150 desenhos pelo preço de 1\$500 réis, sendo o preço de venda avulso para o publico de 2\$600 réis.

Basta enviar ao secretario da direcção a importancia acompanhada do nome e morada.

Club dos Caçadores do Porto

MAIS quatro torneios de tiro se effectuaram na nossa Escola, depois do noticiado no n.º 113 do *Tiro Civil*: tres a chumbo e um á clavina, sendo este o primeiro d'este anno.

Tem sido bastante concorridos e animados os torneios de tiro a chumbo, como era de esperar, por isso que o nosso club, na sua maioria, é constituido por amadores da arte de Nemrod; o primeiro torneio de tiro á clavina esteve tristemente concorrido e muitissimo pouco animado, como d'esperar não era, porque o perfeito caçador tanto precisa de saber atirar a chumbo como precisa de saber atirar á bala.

Eu, pelo menos, não admitto que se possa dar a um individuo fóros de verdadeiro caçador desde que elle não saiba

apontar uma clavina, desfechar um revolver, desde que elle não saiba, finalmente, fazer uso d'estas armas, que na caça grossa são empregadas. Custa a dizelo e acreditar-o, mas é verdade, affianço-o eu: ha caçadores que têm horror ás armas de tiro á bala, que não sabem pegar n'ellas, que as não conhecem sequer; e são bons caçadores, alguns, é innegavel: são bons, mas não são perfectos.

Tanto nos torneios de tiro a chumbo como no de tiro á clavina, estreou-se um rapaz, Carlos Placido, que, se me não faltara a confiança que tenho nas suas aptidões, ha de dar muito. Apresenta-se perfectamente, é muito cauteloso e sabe lidar com uma arma: dá-lhe, apesar da sua pouca idade, muito razoavelmente, o que não é para admirar porque é filho de peixe.

Tenho pena de não continuar a vêr na nossa Escola uns novos, como este, a quem eu tinha prophetisado que dariam umas armas magnificas: refiro-me aos Muazes e ao Armindó Silva, que não sei por onde se gastam agora nos dias em que temos no club exercicios de tiro. Tenho pena que se tenham desleixado, se é desleixo o motivo da sua ausencia; as perdzes é que não devem ter pena nenhuma, nem as codornizes, que se vêem á toa com elles já, quanto mais se elles se apurassem bem, o que não levaria muito tempo, no manejo da espingarda e regras da pontaria.

Tambem conheço uns velhos que, parodiando os novos, lá se vão mettendo pelo mesmo trilho. E não ter eu força para trazel-os todos ao bom caminho!

Nos exercicios de tiro á bala, experimentou-se uma clavina Colt's, 32, mandada vir para o Club pelo sr. Andresen: deu magnificos resultados e é em tudo egual á sua, que tão temida foi no concurso que se effectuou o anno passado.

Provou-se ainda uma nova clavina, provou-a o sr. Andresen, seu proprietario, que se não pôde ageitar com ella, não conseguindo, da primeira vez, acertar e facilitar a pontaria, devido a não lhe serem permittidas as delongas no torneio e não poder, por conseguinte, relacionar convenientemente a alça e o ponto de mira, que são d'orificio, com o ponto em branco. Bem feita é ella e é bonita, não ha duvida; permitta-se-me, porém, que eu reprevo o seu systema d'alça e de ponto de mira: e reprovo-o desde uma vez que fiz uso na caça d'uma afamada mira maravilhosa tambem d'orificio, que me fez errar *maravilhosamente* as perdzes.

Tornou a reunir a nova direcção do meu club, que approvou mais um punhado d'associados e resolveu que sejam aos domingos, ás duas horas e meia da tarde, os torneios de tiro á bala; commemorar festivamente a abertura da Escola no proximo domingo, com um almoço á caçadora, um torneio de tiro á clavina e outro de tiro a chumbo, offerecendo, do seu bolsinho particular, como premios, dois objectos d'arte um para cada atirador melhor classificado em cada um d'estes torneios; que sejam tres os premios de frequencia da Escola de Tiro, 1.º, 2.º e 3.º, tres medalhas de prata, fixando-se em 500 o limite minimo de tiros; que se peça ao governo consentimento para o club poder importar polvora estrangeira, para uso simplesmente de seus associados, e que mande fiscalisar a venda da sua polvora por constar que a ha falsificada. Deliberou ainda a direcção adherir ao empenho da illustre Associação dos Caçadores Portuguezes em que á guarda fiscal seja commettida a vigilancia rigorosa do *defeso* e mais regulamentos

da caça, e que a destruição de animaes damninhos continue a admitir-se que seja feita pelos velhos processos, que eu não posso apoiar ainda que queira.

Tendo sido encarregado, ha um bom par de mezes, d'arranjar para o Club um experimentador de polvoras, tive occasião de o apresentar agora n'esta sessão. E' d'um systema inteiramente novo, differindo em tudo dos velhos experimentadores em forma de pistola: funciona sem o emprego do fulminato de mercurio e é de muitissima precisão: ninguem diz, á primeira vista, a que se destina este instrumento. Foi feito, sob a minha direcção pelo sr. Joaquim Francisco da Cunha, distincto amador de Villa Nova de Gaya.

Depois d'ensaiado este apparatus, foi plenamente approved pela direcção. Offereci-o ao Club.

E vou fechar com a nota dos torneos realizados.

2.º de tiro a chumbo, em 10 tiros, a 2 pombos, 3 passaros, 2 vidros e 3 esferas:

B. de Sá, 8 bons;
Dr. Pedro Ferreira, 8; Dr. Jayme Ribeiro, 7; Santos Pinto, 7; Manoel Monteiro, 6; Pedro Maria, 6; H. Antunes, 4; A. Peixoto, 4; A. Corrêa, 3; Y. Araujo, 2; P. F., 1.

3.º de tiro a chumbo, em 13 tiros, a 2 pombos, 1 passaro, 3 vidros, 3 esferas e 4 botões:

Dr. Pedro Ferreira, 12; B. de Sá, 11; Manoel Arantes, 11; Santos Pinto, 11; Dr. Jayme Ribeiro, 10, Carlos Albuquerque, 10; Carlos Placido, 10; João Monteiro, 9; Miguel Mattos, 9, Antonio Santos, 8; Heitor Antunes, 8; Norberto de Mattos, 8, A. Corrêa, 7; M. Monteiro, 5.

1.º de tiro á clavina, em 10 tiros, contra alvos de 0,º8 de diametro, de 1 a 10 valores, a 120 metros:

Santos Pinto, 57 pontos; Manoel Arantes, 48; B. de Sá, 47; Amadeu Paiva, 24; Carlos Placido, 20; J. Andresen, 17; H. Antunes, 15.

4.º de tiro a chumbo, em 1 pombo, 5 passaros, 2 vidros e 2 esferas; total, 10 tiros:

B. de Sá, 9 bons; Santos Pinto, 9; Albino Guimarães, 7; Aurelio Seara, 7; João Monteiro, 7; Carlos Albuquerque, 6; Dr. Pedro Ferreira, 6; Antunes, 5; A. Moraes, 4, E. R., 3; M. M., 3.

Atiraram a diferentes alvos mais quatorze socios do Club; como não fizeram uns os torneos completos e outros alvejam fóra d'elles, não dou a nota do respectivo resultado.

Porto, maio 7 de 97.

B. DE SÁ.

Villa Viçosa 2-5-97

Meus caros amigos.

Nº numero 113 do seu bello semanario acabo de lér que aqui se caça ás perdizes por meio de chamariques ou perdigão. Quem os informou deverá ter dito a verdade, e eu não nego que se tenha caçado, mas direi sempre que no Alemt-

jo é talvez este o concelho em que é menor o numero d'abusos.

E, poucos ou muitos que esses abusos tenham sido, é para mim coisa assente que elles não findarão emquanto não vier á tão desejada unificação de posturas.

O concelho de Villa Viçosa confina com os de Estremoz, Redondo e Alandroal no districto d'Evora, e com o d'Elvas no districto de Portalegre.

Sem que eu possa perceber porque razão a freguezia das Ciladas d'este concelho está inteiramente encravada no d'Elvas, e este tem a freguezia de Santo Antonio da Terrugem estendendo-se até pouco mais de tres kilometros de Villa Viçosa.

Quando aqui se tratou d'uma postura sobre caça, fiz altas diligencias para que em Elvas fosse adoptada alguma coisa semelhante, mas em vão me esforcei, porque o gaioleiro é ali uma potencia de primeira ordem e o amigo com quem me entendia partiu para a Africa na expedição contra os namarraes.



Uma caçada á raposa

Quem quiser convencer-se do modo porque o descaramento ali impera, dê um passeio só até Villaboim, e encontrará a cada passo gaiolas com perdizes tendo tambem cada uma um pinto, destinado a excitar a affectividade da perdiz que, isolada d'elle no campo e ouvindo-o piar sob a pressão brutal dos dedos do gaioleiro, canta atrahindo os perdigões que se deixam facilmente assassinar.

Ora, chegando, como disse, o concelho d'Elvas ás portas de Villa Viçosa e campeando ali o maximo descaramento, o gaioleiro vem armar a infame esparrella junto aos muros da Tapada Real, seguro da sua pessoa porque bem sabe que além de certa linha ninguem o incommodará.

O que faz o gaioleiro d'Elvas faz o de Villa Viçosa, pois tambem quando sae, para aquelle lado, os limites do concelho, se julga em paiz conquistado.

E' preciso notar tambem que o facto de s. ex.º o gaioleiro callypolense não poder exercer livremente a sua selvageria, torna mais apetedida aos de fóra uma invasãozinha em terreno pouco explorado.

Não terá o sr. administrador do concelho d'Elvas lido um officio do seu collega d'aqui em que, segundo me consta trata do assumpto de que me tenho occupado?

Não terá s. ex.º conhecimento de que dois caçadores de contracto, de Vargens (?) ainda não deixaram de caçar e estiveram ha poucos dias na aldeia de S. Romão do concelho de Villa Viçosa?

Não constará a s. ex.º que os gaioleiros

d'aqui tem ido caçar ao Rabão como por aqui consta com visos de verdade?

Eu que procuro sempre dar o seu a seu dono, concordo em que á distancia de 25 k.ºº é difficil exercer effizaz vigilancia e sou tambem dos que tudo creem possivel com a guarda fiscal e nada sem ella, mas proclamarei sempre como uma verdade irrefutavel que se em Villa Viçosa se não tem feito mais e muito mais, é isso devido a má visinhança dos concelhos limitrophes em que se destaca brilhantemente o do Alandroal.

Aqui, sim, pode dizer-se affoitamente que o momento, iniciado no Alemtjejo por Villa Viçosa, em favor do defezo e da regulamentação do direito de caçar tem sido tenazmente secundado.

Eu não queria tornar a escrever o termo *codornizes* mas não posso agora deixar de o fazer.

Invocado por qualquer, que tudo julga ser devido á sua pessoa, o exemplo do que ahi se pratica, não é caçando as perdizes que aqui se abusa mais, mas sim caçando as codornizes.

Custa-me devéras ter que apontar em algum dos proximos numeros de *O Tiro Civil* os nomes de um ex-vegador, do prior de uma freguezia, d'um empregado publico e um proprietario e seu pae que se divertiram caçando áquellas aves e não o faço já por acreditar

que ss. ex.ºº terão reconsiderado e pensado que os privilegios vão quasi feridos, que o respeito pela lei é cousa muito bonita e que a uma certa posição social é inherente a missão de educar dando-se o exemplo das melhores praticas.

E ponto por hoje, para a outra vez ir a promettida historietta do perdigueiro.

Sempre seu

MARTELEIRO.

Associação protectora da caça em tempo defezo

A direcção d'esta util associação, gratificou o guarda fiscal n.º 42-4259, de serviço ás portas da Avenida Estephania, que ha dias apprehendeu umas perdizes que o portador pretendia introduzir na cidade.

E' incontestavelmente este o meio mais proficuo para que a fiscalisação seja bem feita.

Sejam Caçadores

NADA de reatar questões velhas entre amigos novos, e nada de encetar questões novas entre amigos velhos.

Nada de mais discussões sobre o tempo em que devem caçar-se as codornizes, e nada de terçar mais armas nem pró nem contra o *defeso* d'ellas.

O assumpto está discutido, morto, enterrado; venha agora a lei.

No n.º 95 d'este jornal escrevi eu, discorrendo acerca de «a cordorniz e o defeso»:

«... Esperemos agora resolução da assembleia geral de caçadores, e depois pela deliberação do tribunal superior que ha de modificá-la ou dar-lhe a sua sanção».

O «Seculo», sob o titulo *defeso da caça*, disse:

«O nosso estimado collega o «Tiro Civil» vae abrir um plebiscito sobre se a cordorniz deve ou não ser caçada no tempo de defeso.»

«E' um serviço que os caçadores agradecerão e que nós applaudimos pois que já aqui o tinhamos advogado.»

Reunam-se, pois, os caçadores, mas caçadores verdadeiros, e sómente os filiados em sociedades venatorias, ou abra-se o plebiscito entre esses mesmos caçadores, pedindo-se-lhes o seu voto deliberativo sobre a questão que lhes deve ser submetida. Andem! Decidam-se! Não se deixem outra vez adormecer, enlevar no somno que por tanto tempo lhes cerrou os olhos, tapou os ouvidos e os tornou de todo impossiveis.

A maré é esta, é boa, não pode ser melhor. Vá: não olhem para traz. Caminhem!

O Club dos Caçadores do Porto ha muito que trabalha, ha muito que pede medidas energicas, rigorosas, castigos severissimos para os transgressores das leis da caça; mas esse Club, que o desanimo não pode nunca vencer, só agora conseguiu ser bem ouvido.

Sim: conseguiu agora só ser bem ouvido, porque só agora vê secundadas a valer as suas velhas delicias, reforçadas a valer as suas velhas contenções. A Associação dos Caçadores Portuguezes está posta em campo a seu lado, com soldados que sabem combater, vencer difficuldades, com caçadores de lei, illustrados e activos. Auxiliem-na! Pertencam-lhe! Sejam caçadores!

E quem fôr verdadeiramente caçador não deve, podendo, deixar d'incorporar-se n'ella, para augmentar a sua massa, a sua força e, portanto, o seu valor.

Vá: sejam caçadores! Decidam-se!

Porto, maio 8 de 97.

B. DE SÁ.

BATIDA

Na herdade do Azinhal e promovida pelo seu proprietario o sr. dr. Barahona (de Evora) realisou-se uma caçada em que morreram 7 veados.

A este divertimento assistiram a convite do seu promotor cerca de 200 pessoas. Distinguiram-se entre os caçadores os srs. dr. Leal, José Soares e Miguel Fernandes.

Seguiu-se um lunch primoroso em que se fizeram muitos brindes e em que reinou sempre a maior alegria e appetite.

O DEFEZO

Volta a dizer-nos o nosso amigo S.S., que nos ultimos domingos, raro era o caçador de codornizes, que não tocava o *reclamo*. E' evidentemente um abuso, mais, é um crime, a lei não o permite; nós temos vontade de vêr o que as associações e a auctoridade, resolvem sobre o caso; dizem-nos tambem que ha quem tenha redes *verdes*, para apanhar codornizes; chega-nos a nossa vez de perguntarmos, isto é legal?

No nosso n.º 112, de 22 de abril, findo,

davamos noticia de ter sido prezo, o sr. José Antonio Viegas, por caçar codornizes com *reclamo e rede*; ou a prohibição chegará só até as terras de Val de Pereiro?

—Em Beja a policia foi á hospedaria do Tição e alli apprehendeu 2 perdizes, que foram enviadas para o hospital civil.

A proprietaria da tal hospedaria, foi multada em 2\$000 réis. Quer-nos parecer que se a policia fôr diligente muitas mais multas tem a aplicar.

— Diz o nosso collega *O Jornal de Extremoz*:

Por informações fidedignas sabemos que no domingo passado houve uma extraordinaria caçada nas proximidades de Veiros.

Os caçadores eram em numero de 50 e alguns d'esta localidade, sendo mortas cento e tantas peças de caça.

Ora o artigo 139.º do nosso codigo de posturas municipaes diz que é prohibido o exercicio da caça por qualquer modo nos mezes de março, abril, maio e junho, sob pena de 4\$000 réis de multa por cada individuo que transgredir esta disposição.

Este artigo está em pleno vigor, e por isso registamos o facto.

Se ha auctoridade que deva reprimir semelhantes abusos, é a ella que compete proceder.

Esperamos que sejam tomadas providencias contra tão grande abuso.

— Do nosso collega o *Correio da Extremadura*:

O sr. presidente propoz na ultima sessão camaria para que o numero de guardas campestres no concelho, fosse elevado de cinco a nove, afim de melhor vigilancia se poder exercer sobre a caça no tempo defezo, e isto em satisfação a um officio da Associação Protectora da Caça que foi presente na mesma sessão.

O nosso aplauso ao digno presidente da Camara Municipal de Santarem.

— Do nosso collega *O Seculo*:

O sr. Gil, official do 3.º districto criminal, capturou hontem no Lumiar, por mandado do juiz do districto a que nos referimos, o sr. Severino dos Santos Pinto, residente n'aquelle logar e que era devedor á justiça da importancia dos sellos e custas a que fôra condemnado n'um processo em que respondeu por ter sido encontrado a caçar no tempo defezo.

Esta dupla desobediencia custa agora ao sr. Severino dos Santos Pinto a bagatella de 30 dias de cadeia para os quaes não ha remissão.

Oxalá que isto sirva de exemplo, já que o interessado não está a tempo de se arrepender do seu erro.

Este processo tem estado parado por muito tempo, mas segundo as informações que temos, o verdadeiro culpado não foi o sr. Severino, este tinha sido convidado por outro caçador, que tinha ido de caruagem e que se evadiu, não se podendo apurar, no seguimento do processo, quem elle fosse; no entanto, é de querer, que se as couzas assim se passaram, o divertimento lhe tenha custada bem carinho.

Fazemos votos porque lhe sirva de emenda e procure remir as suas faltas. O sr. Severino é que dirá mal á sua sorte, nos 30 dias de Limoiro.

— Os nossos collegas *Diario de Noticias* e *Seculo* tem sustentado todos os dias a propaganda pelo *defeso*, apontando faltas; verberando abusos e exigindo o cumprimento da lei; aquelles nossos estimados collegas estão prestando um relevantissimo serviço, digno do aplauso de todos quantos se interessam pela arte cynegetica, e acreditamos que, continuando n'este caminho se conseguirá em breve praso que o abuso e o escandalo tambem terminado quasi por completo.

ANSELMO DE SOUZA.

NAUTICA

As regatas

REGISTRANDO o favor publico que permite ao *Tiro Civil* ampliar as suas condições de publicidade, propomo-nos encetar uma secção do nosso jornal destinada ás regatas, infelizmente tão abandonadas entre nós, e ás diversas manifestações do *sport* nautico brilhantemente cultivado e desenvolvido nas principaes nações como a Inglaterra, a França e a Italia.

O povo portuguez, por effeito talvez do seu temperamento impressionavel e apaixonado, suggestiona-se facilmente pelos divertimentos e exercicios corporaes que do estrangeiro lhe inculcem; enthusiasma-se mesmo até ao delirio por elles; dedica-se um periodo de tempo — maior ou menor — e com affino a taes distracções, mas em breve amortece a energia e desalenta o seu fervor, deixando que pouco a pouco os germens profucios ao desenvolvimento physico da mocidade se extingam no mais condemnavel indifferentismo e na incuria mais desoladora.

Não tendo o intuito de estigmatizar com severidades mal cabidas um procedimento, que antes atribuímos a fatalismo de genio d'um povo, seja-nos licito todavia lamentar os inconvenientes e os prejuizos que uma tal inconsequencia origina.

Quem não se recorda com saudade das regatas que em annos passados se realisaram em Cascaes e Paço d'Arcos, tão animadas, tão concorridas, tão disputadas com vehemente enthusiasmo e *entrain* pelos vigorosos rapazes, que então dedicavam a taes exercicios a calorosa vivacidade, que hoje vêmos merecer-lhes o *cyclismo*? N'esses tempos todos os rapazes remavam; todos faziam parte da guarnição d'uma canôa ou d'uma guiga; provocavam amiudadas luctas para accentuar a emulação, e todas as tardes serenas, quando o nosso formoso rio espriava deliciosamente as suas aguas, elles corriam com os seus fatos leves e elegantes a empunhar um remo para cruzar o Tejo em renhidos exercicios musculares.

Assim como hoje se ouvem na bocca de todos os adolescentes os termos que descrevem os elementos da sua *machina*, patenteava-se então com vibrante orgulho a technologia completa dos remos, das guigas, d'um yacht. As antigas regatas em Cascaes, pelo vigor com que se luctava, deixaram echo glorioso nos annos do *sport* nautico; pois devemos confessar que as que se realisam hoje apenas são um pallido e melancolico reflexo. E' certo não pretendermos condemnar aqui os actuaes divertimentos para onde derivou a actividade nacional; todavia lamentamos que tão depressa amorteceesse o enthusiasmo pelas regatas n'um paiz, cujas tradições maritimas deveriam ser justificado incentivo para enraizar nos espiritos juvenis a paixão pelas diversões d'esse genero.

Um dos trechos mais captivantes de Bourget no seu livro *Etudes et Portraits* é a descripção das regatas organisadas pelos estudantes inglezes das universidades de Oxford e Cambridge, quando terminam o anno lectivo, e podem entregar-se expansivamente ao seu divertimento favorito. Como palpita a vida e o enthusiasmo n'aquellas encantadoras paginas, aliás escriptas por um estrangeiro, e como se comprehende bem a causa da superioridade viril do povo que tão estreitamente sabe alliar a applicação ao estudo e aos inte-

resses commerciaes, que explicam a sua prodigiosa irradiação por todo o mundo, com o erro e a dedicação pelos exercicios marítimos!

Os mezes de verão, que se aproximam com as suas tardes limpidas e calmosas, proporcionariam um bello ensejo para fazer reviver entre nós o obliterado divertimento das regatas, preparando os musculos pelo exercicio para lhes dar uma realisação condigna, se a mocidade de Lisboa quizesse impulsionar de novo tão saudavel e attrahente passatempo.

Não seria talvez necessario empregar extraordinario esforço, mas apenas reanimar passados enthusiasmos, pois que a maior lucta debateu-se quando dois ou tres entusiastas evitaram com inquietante tenacidade todos os esforços para iniciar entre nós um genero de *sport* totalmente desconhecido e tão contrario aos nossos habitos convencionaes. E luctaram, e venceram, facto quasi milagroso n'aquelles tempos perante a nossa tradicional reluctancia para aceitar innovações.

Hoje o esforço seria, portanto, infinitamente menor; e fundados n'essa esperança, que é ao mesmo tempo uma calorosa aspiração do nosso espirito, ousamos appellar para os amadores das regatas, sobrevenientes á febre do moderno cyclismo, para que não deixem extinguir as regatas, e de novo façam vibrar os passados enthusiasmos por tão agradável e salutar divertimento.

SPADA.

VELOCIPEDIA

O cyclismo

O desenvolvimento que n'estes ultimos annos entre nós tem tomado a velocipedia, é de baixo de todos os pontos de vista extraordinario.

Este bello genero de *sport*, que ha quinze annos só um ou outro por raridade cultivava, tornou-se ultimamente, como que uma perfeita monomania.

A criação dos clubs e grupos velocipedicos mais ou menos espalhados por todo o paiz, a construcção dos velodromos, as corridas, os grandes *records* ultimamente realísados, o augmento de grande numero de casas, que n'este genero negociam, as polemicas e as discussões das novas e das melhores marcas, o grande numero de cyclistas que diariamente percorrem as ruas e arrabaldes da capital, bem comprovam que a velocipedia é certamente o ramo de *sport* hoje entre nós mais desenvolvido.

Mas se é extraordinario este desenvolvimento, não é menos para admirar a evolução e os aperfeiçoamentos rapidamente operados n'este meio de locomoção.

Sem pretender fazer a historia da velocipedia, a qual me levaria a campo bastante arido, mas retrogradando um pouco, vemos que datam dos fins de 1612 as primeiras tentativas da translação sobre uma machina movida pelo homem.

Compete a honra ao Barão de Drais de Sanerbron, sylvicultor e engenheiro de Bade da invenção da primeira machina n'este genero, conhecida em França com o nome de *velocipeda*, na Allemanha por *trassienne* e na Inglaterra pelo *hoby-horses*, que M. E. R. Shipton descreve ao fazer a historia do velocipede.

A evolução seguinte do velocipede teve lugar em 1846, quando appareceu a pri-

meira machina movida, já por pedaes, directamente pelo homem, cuja applicação attribuem a M. Michaux.

Nos fins de 1864 apparece o *bone-shaker* e em 1867 o *byciclo* a que então chamaram *aranha*, depois o *kangaroo*; até que finalmente M. J. K. Starley lança no mercado a primeira machina baixa com a roda motora atraz, a *Safety* d'aquella epoca hoje a *bycicleta* moderna, que veiu comprovar, não o resultado d'um feliz acaso, mas sim a execução de uma ideia profunda de construir uma machina racionalmente pratica!

Como se depreheende com facilidade, a verdadeira revolução na velocipedia começou apenas ha trinta annos aproximadamente, em que ás rodas de madeira se succedem as de aros de ferro, ao quadro formado por tubos massiços os tubos óccos, os eixos grosseiros e perros a delicadissima caixa de espheras, aos cautchucs massiços os óccos e como remate final d'este rapido desenvolvimento apparece finalmente o grande M. Dumlop com a sua maravilhosa invenção:—o pneumatico moderno!

Mas não pára ainda aqui o desenvolvimento velocipedico e, actualmente, apparece já a *bycicleta*, o *tricyclo* e *quadricylo* movido a petroleo, sciencia modernamente conhecida pelo authomobilismo, a que a França por excellencia tem ligado uma excepcional attenção.

Apezar de grande numero de fabricas de *bycicletas* que existem na Allemanha, França, Belgica e mais paizes da Europa, pode-se sem duvida dizer que a Inglaterra tem caminhado sempre na vanguarda das outras nações.

Difficil é, ou torna-se mesmo impossivel o affirmar, que estas ou aquellas são as melhores machinas.

E são tantas as condições que uma machina tem que vizar!

A elegancia, o peso, a solidez dada pela melhor qualidade do material, a tempera, o aço, a perfeição dos cubos, a justeza das caixas e espheras, a grossura, peso e soldadura dos tubos do quadro, a estabilidade do nickelado, a disposição directa ou tangencial dos raios, a boa qualidade dos pneumaticos, o acabamento escrupuloso da machina, finalmente a reputação e seriedade da casa constructora, tudo deve ser attendido para a classificacão d'uma machina.

Qual será a melhor?

Difficil pergunta, que tantas e tão calorosas discussões tem originado!

Para mim a melhor machina, será indubitavelmente aquella com a qual o cyclistta melhor se dér.

Quem escreve estas simples e desprezenciosas palavras tambem fui e é ainda um dos mais modestos e mais insignificantes amadores d'este bello ramo de *sport*, se bem que já o não cultive.

Influenciado em 1895 pela leitura de um extracto do *The James's Budget* no qual li a descripção d'uma taça de champagne oferecida por Starley aos seus amigos, ha dois annos no café *Royal*, por occasião do vigessimo anniversario da sua invenção, na qual foram expostas por as principaes e grandes auctoridades velocipedicas as suas lisongeiras opiniões sobre a sua machina *Rover*, me levaram a fazer a aquisicão d'uma *bycicleta* d'esta marca, construída sob a direcção de Starley.

Sem lhe pretender fazer o reclame de que aliás não necessita pois a sua reputação é universalmente conhecida, direi ao terminar, que para mim nunca encontrei machina mais solida, elegante, leve, graciosa e com andamento mais suave, fosse

qual fosse a *multiplicação* empregada, como esta e ao deixar a velocipedia, da qual comtudo seguirei as futuras evoluções não posso deixar de dizer:—gloria a Starley a quem indubitavelmente se deve a machina mais racionalmente pratica!

Maio de 1897.

TH. COELHO.

Real Club Volocipedista de Portugal.

N'este Club fizeram-se no dia 5 do corrente, as eleições para os corpos gerentes que hão de funcionar durante o presente anno e aprovaram-se as contas da direcção e parecer do conselho fiscal, relativas á gerencia de 1896.

O resultado das eleições foi o seguinte:

Assembléa geral

Presidente—Alberto do Nascimento Lopes.

1.º Secretario—Claudio Rosado.

2.º dito—Raphael Caldeira de Mendanha Junior.

Conselho fiscal

João Antunes Pinto.

Julio Salgado Dias.

José Danino.

Direcção

Presidente—Alberto Pereira Dias.

Vice-presidente—Daniel Pinto de Campos.

Secretario—Ricardo Silva.

Thezoureiro—Domingos Freire Teixeira Marques.

Vogaes—Valentim Duarte Pinto.

» — João Lucena.

» — Augusto Souza Magalhães.

Supplentes—José Julio de Vasconcellos.

» — Antonio Calvet Magalhães.

» — Joaquim Maria Fuschini.

O horario das aulas n'este club soffreu a seguinte alteração:

Gymnastica

Segundas, quartas e sextas feiras das 9 ás 11 horas da noite.

Esgrima

Terças, Quintas e Sabbados das 9 ás 12 horas da noite.

A actual direcção projecta ainda este mez um passeio official.

Real Velo-Club do Porto

O Real Velo-Club do Porto promove para 16 d'este mez, uma grande corrida de estrada, entre Lisboa e Porto.

Acham-se inscriptos para esta corrida alguns dos nossos mais distinctos corredores.

A inscripção é por dinheiro.

O tempo maximo da duração d'esta corrida será de 30 horas.

Ha os seguintes premios:

1.º.....	150\$000 réis
2.º.....	50\$000 »
3.º.....	25\$000 »
4.º.....	25\$000 »

Além d'estes premios haverá um premio especial para o corredor que fizer o percurso em 24 horas.

Esta corrida é internacional.

Gymnasio Aveirense

Realisaram-se no dia 9 do corrente a corrida annual de estrada promovida pelo

Gymnasio Aveirense, entre Coimbra e Aveiro, na distancia total de 66 kilometros.

O resultado foi o seguinte:

- 1.º premio — Benjamin Braga, tempo do percurso, 2 horas e 30 minutos.
- 2.º premio — Antonio de Sousa Tudella.
- 3.º premio — Eduardo Souza.

Juniors

- 1.º premio — Luiz Oliva.
- 2.º premio — Villas Boas.
- 3.º premio — Corrêa.

Seniors

- 1.º premio — Mario Duarte e Oliva.
- 2.º premio — Francisco Martinho.

O distincto corredor José Bento Pessoa, partiu no dia 11 do corrente para Madrid, onde vai tomar parte nas corridas que ali se realisam em 16. Segue depois para Paris e Londres a treinar-se nos principaes velodromos d'estas cidades. Consta-nos que este corredor tomará parte na corrida annual (*Grand prix de Paris*) que se deve realizar em 15 do proximo mez.

TAUROMACHIA

Minuto

Ao ter que inaugurar no *Tiro Civil* esta secção punge-me a recordação triste da desgraçada morte de um notavel artista tauromachico e que, além d'isso, era um caçador assiduo, membro da *Associação dos Caçadores Portuguezes* e assignante d'este periodico.

Varios predicados tinha, pois, esse homem — Filipe Aragon, (*Minuto*) — para se impôr á consideração do *Tiro Civil*, e, pessoalmente, merecia tambem pelas bellas qualidades do seu caracter, a estima de todos aquelles que de perto o conheciam, como merecia a minha, devotada e sincera.

Tudo está dito, pelo que toca ás suas qualidade artisticas, nas numerosas chronicas, em que o seu nome foi durante largos annos citado, sempre com louvor e com justiça; e, hoje, que o seu corpo jaz inanimado, perto do de José Peixinho seu amigo e collega nas lides taurinas, escusado é formular n'um banal necrologio os elogios que é de uso fazer á memoria de quem quer que seja.

Morreu no seu posto, sacrificando a vida, dedicadamente, na lide que era a sua especialidade com o *capote*: defendendo o cavalleiro.

— *Estava escripto...*

Era esta a fria formula fatalista com que elle commentava em geral qualquer referencia a algum *boleu* similhante.

• Pobre Minuto! Mal diria eu que a teu respeito se teria ainda de escrever!

Damos o seu retrato como demonstração de sentimento pela perda de tão distincto artista.

A ultima tourada na praça do Campo Pequeno, realisada na tarde do mesmo dia em que á ultima morada baixára o cadaver de Filipe Aragon, foi assignalada com um acontecimento lamentavel:

Um dos *cornupestos*, colhendo violenta-

mente contra as tabuas o cavallo de Adelino Raposo, fracturou-lhe em tres partes a mão direita, inutilisando assim o magnifico animal, a que um veterinario deu pouco depois a morte como unico remedio ao seu soffrer.

Adelino Raposo muito sentiu tal desastre, que o privou do ultimo animal de combate que actualmente possuia; mas o facto deu ao cavalleiro José Bento occasião para demonstrar os seus bellos sentimentos de camaradagem, pois elle offereceu acto continuo ao seu collega a importancia a que teria direito pelo seu trabalho na proxima corrida, na mesma praça.

Este acto de bizzarria, altamente louvavel, tornando-se conhecido, fez com que se não realisasse o projecto de um grupo de amigos de Adelino, que assistiam á tourada, projecto que consistia em fazerem no intervallo uma *quête* entre os espectadores para com o seu producto, lhe comprarem um cavallo.

Pelo que toca á corrida, em si, não foi ella má, já pelas facultades do gado, na sua generalidade, já pelo trabalho da gente de pé e de cavallo.

Os forcados é que se mostraram desunidos e pouco affeitos.

Notarei tambem que o serviço dos *capotes* não correu muito satisfactoriamente e que o Botas continuou a deixar-se guiar pelas indicações do publico, na forma de dirigir a lide, o que se não pode admittir.

Quem está n'aquelle logar procede como lhe parece, porque tem as respectivas responsabilidades.

A casa estava cheia, apenas com excepção de tres ou quatro camarotes e algumas *sombras*, o que é o mesmo que dizer que a empresa não apanhou *perdiz*, coisa que aliás, ainda n'esta epoca não lhe deve ter succedido para seu bem.

E' que o nosso publico tem ainda e sempre decidida predilecção por tal genero de diversões e o caso está em arranjar bom gado, coisa que se não pode inventar e que depende apenas do escrupulo dos criadores.

Vamos a vêr se a futura chronica é mais alegre.

J. FRAPELIN.

Gymnastica e esgrima

Real Gymnasio Club Portuguez

RECEBEMOS e agradecemos o relatório de 1896, e respectivas contas.

A assembleia geral para discussão d'este relatório eleição dos corpos gerentes realisou-se no dia 5 do corrente, sob a presidencia do sr. Duarte Alexandre Holbeche, sendo secretario o sr. Augusto Vaz Monteiro.

Depois da discussão em que entraram os srs. Arthur Xavier Pessoa, Virgilio Marques da Costa, José Beirão, Frederico d'Avellar Telles, Joshua Benoiel e João Faustino da Costa, foi approvado o relatório e contas.

Em seguida passou-se á eleição dos corpos gerentes que ficaram assim compostos:

Assembleia geral — Duarte Holbeche, presidente, Carlos O'Donnel Hearn, Carlos Xafredo, Fortunato Abecassis e Augusto Lage, secretarios.

Direcção — Arthur Leopoldo Xavier Pessoa, Julio Correia de Sá, Affonso de Zea Bermudes, Nicolau dos Santos Pinto,

Henrique Soares Ventura, Carlos Augusto da Silva, e Isaac Levy.

Supplentes — Carlos M. Bleck, Salom Buzaglo e Joshua Benoiel.

O conselho tecnico e a commissão revisora de contas foram reconduzidos.

O Real Gymnasio Club Portuguez é uma das instituições mais sympathicas do nosso paiz e tem prestado, á educação physica, importantes e valiosos serviços. Completamente desprotegida, tem luctado contra a indifferença geral com uma tenacidade, que sobremaneira honra as direcções; mas, apesar dos esforços empregados, não conseguiu ainda viver desafogadamente e tarde attingirá este desideratum a que, no entanto, seria facil chegar se entre nós se comprehendesse o valor d'estas sociedades.

Falta-nos, porém, essa comprehensão e d'ahi vem o definhar constante e cada vez mais aterrador da nossa virilidade.

As columnas do *Tiro Civil*, se a direcção e os socios do Real Gymnasio Club entenderem que podem prestar-lhes algum serviço, ficam á sua disposição.

As nossas gravuras

No tempo defezo

PEGAR na espingarda, assobiar ao perdigueiro e partir ao romper da madrugada para o campo, embora no defeso, é cousa que a todos tem acontecido mais d'uma vez com as melhores intenções e, apesar dos protestos de não descarregar a espingarda, casos ha em que os cartuchos fazem todos explosão.

E... aquelle que errou fogo, enxugou furtivamente a lagrima e foi carpir para longe a sua magoa.

Filippe Aragon «Minuto»

Na secção tauromachica nos referimos a este desventurado e distincto artista.

Uma caçada á raposa

A photographia que hoje apresentamos é a copia d'um bello quadro, representando a raposa no momento em que, extenuada, está rodeada pelos cães.

ERRATAS

No ultimo numero no artigo *Defezo* que publicamos, na ultima columna da 4.ª pagina onde se lê: *convence-te que encontras funcionarios*, deve ler-se: *convence-te que, encontrar funcionarios*; um pouco mais abaixo onde se lê: *dente de ovelha* deve ler-se: *dente de coelho*.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica

216, Rua de S. Paulo, 216